

SÉRGIO MILLIET

Auto-retrato

Não me nego a fazer o meu próprio retrato. Mas tenho uma tendência para exagerar-me um pouco deformado. Mais deformado e estilizado, do que embelezado. Penso que me conheço muito bem e a pretensão me permite as liberdades caricaturais. Sou poeta e desconfiado. Um pudor quase agressivo aumenta a desconfiança. Tinha outrora uma auto-crítica severa; os elogios dos amigos amansaram-na. Hoje me contemplo com alguma condescendência que a mediocridade justifica.

Nasci em São Paulo, bem no centro da cidade provinciana e besta de 1900. Exatamente 1898, mas já estou entrando na idade em que a gente escamoteia com prazer alguns anos incômodos. Desejaria escamotear mesmo uma dezena deles pelo menos, para fugir à classificação de “homem-ponte” com que me honrou a nova geração. As pontes se dinamitam nas retiradas e a perspectiva não me entusiasma. Estudei em colégio de padre e fui jogado aos 14 anos na liberdade excessiva da Suíça dos lagos transparentes e das montanhas azuis. Abusei convenientemente dessa liberdade, estudei pouco e escrevi versos para arranjar pequenas. Meti-me em lutas políticas e conheci os homens célebres da guerra de 14. Uma experiência da vida completa tive eu na Europa. De uma existência de moço rico passei à miséria do exilado sem mesada. Trabalhei como caixeiro, de livreria, dançarino profissional e auxiliar de arquivista na Liga das Nações. Depois cansei. Voltei ao Brasil, passando pela Alemanha do marco desvalorizado e da desintegração social.

Aqui participei timidamente da Semana da Arte Moderna mais como admirador de Mário e Oswald de Andrade que como militante ativo. Depois cansei de novo. Dediquei-me a pesquisas mais sérias de sociologia e história; de crítica também. Tentei a ficção sem êxito, apesar do aplauso dos críticos. Escrevi poemas que ficaram sem eco e que eram bons. Entrei para o jornalismo treinando no *Diário Nacional* e no *Tempo*, antes de chegar ao *Estado de São Paulo*. E como todo jornalista que se preza entrei

também para a administração pública: Biblioteca da Faculdade de Direito, secretaria da Universidade, Departamento de Cultura.

Nada brilhante, somente a minha honestíssima crítica me trouxe respeito e acatamento. Mas a compreensão ampla e vertical da vida, conquistada nesta longa luta contra tudo e contra todos, angariou-me a amizade dos novos. E também uma linha de dignidade de que procurei jamais me afastar, os induziu a confiar no mano mais velho.

De tudo o que fiz foi o ensino que me deu maior alegria. Sou um professor claro, nada dogmático, companheiro de meus alunos. Acusam-me de cético.

Apesar de meu nome, paulista sou há mais de um século. Com todos os defeitos do paulista e algumas das qualidades. Defeitos e qualidades que o banho prolongado da Europa acentuou ainda mais. Por isso mesmo os irmãos mais tropicais me acham por vezes antipático: mas quem me conhece muda de idéia.

Não tenho ambições políticas ou sociais. Gosto do elogio quando parte dos que eu admiro, e a crítica deles me magoa. Quanto aos indiferentes, podem falar à vontade. Literariamente aspiro apenas a um posto de reservas do primeiro time. Não por modéstia mas porque os azes são demais.

Dizem que sou egoísta. Creio que sim e bastante. Mas não acredito que o defeito me caracterize mais do que a maioria das gentes. Apenas em mim esse defeito se percebe muito bem porque não consigo fazer as concessões que os chatos exigem para qualificar-nos de camaradas. Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, tenho uma gratuidade que chegam a confundir com bondade.

Sou de uma ternura que me irrita a mim próprio. Donde um esforço de impermeabilidade assaz penoso. Passei a vida a purificar-me, a despir-me dessa fraqueza. Parece que consegui. Não perdi com isso a sensibilidade; antes a apurei. Mas os leigos se enganam e os apressados também: pensam que sou frio e distante.

(in *Leitura*, 12, Rio de Janeiro, nov. 1943)